



AUTOR(ES): DARIANE BATISTA QUEIROZ PIMENTA e RAMIRO ESDRAS CARNEIRO BATISTA.

MANOEL AMBRÓSIO EM VERSOS: MANUSCRITOS E TRANSCRIÇÕES SANFRANCISCANAS

Introdução: Manoel Ambrósio Alves de Oliveira, nascido em 7 de dezembro de 1865 na cidade de Januária, norte de Minas Gerais, é um intelectual negro que ficou mais conhecido por suas pesquisas folclóricas, o que de certa maneira contribuiu para o silenciamento de sua produção literária em outras áreas do conhecimento. Jornalista e professor por atavismo, foi fundador e mantenedor de jornais em sua terra natal, além de ter contribuído regularmente com hebdomadários e revistas de outros lugares do país. Além de seu livro mais conhecido intitulada *Brasil Interior* (1934), Ambrósio é dono de prodigiosa produção literária, a exemplo dos livros *Hercília* – Romance histórico (1923), *Os Laras* (1938), *A Ermida do planalto* (1945); e as publicações póstumas *Antônio Dó: o bandoleiro das barrancas* (1976), *Os Mellos: jagunços e potentados no Sertão do São Francisco* (2018), e o mais recente, *Novos Cantos Populares do Rio de São Francisco* (2024). A produção de Manoel Ambrósio em prosa acabou por levar seus leitores a desconhecer sua verve poética, visto que seu único livreto de poesias levado a prelo foi o *Paranapetinga*, nos idos de 1942. Nos últimos anos, a colaboração entre pesquisadores de diferentes origens acerca do autor januairense tem revelado que ele foi tão pródigo em escrever em verso, quanto o foi em prosa. Prova disso é a recente descoberta de alguns de seus cadernos de poemas, dos quais nos debruçaremos especificamente sobre dois. Posto isso, o presente trabalho consiste em nossas primeiras impressões causadas pelo resgate, a transcrição e análise, recentemente realizada a partir dos cadernos de poemas manuscritos do poeta barranqueiro. Os cadernos contam com poemas e índice, o que revela a intenção do autor em publicá-los em formato de livro. Além disso nota-se nos manuscritos algumas alterações de versos, substituições de palavras e frases. Desse modo, cumpre ressaltar a importância de uma transcrição fidedigna que mostre a capacidade criadora do poeta e a essência de sua escrita. **Método:** Da seleta fortuna crítica de Manoel Ambrósio, foram selecionados para análise dois cadernos de poesias. O primeiro caderno intitulado *Harpas* no qual foram selecionados os poemas: “Harpas” e “Januária” e o caderno *Ave-Marias* em que selecionamos o poema “Myrta”. A coleta desses textos nos cadernos manuscritos resultou em uma transcrição sem a atualização da ortografia, com acurada leitura crítica respeitando-se as marcas do tempo. A preservação/divulgação do texto é importante para conhecer a história de um povo, pois “com certeza a contribuição mais evidente e importante da crítica textual é a recuperação do patrimônio cultural escrito de uma dada cultura” (Cabraia, 2005). A opção por manter a ortografia original deu-se pelo sentido de oferecer um texto crítico uno e fidedigno, também do ponto de vista linguístico, atuando com o resgate e a preservação da linguagem ribeirinha, em que essa “preocupação com a edição dos textos antigos e modernos de um povo é um índice seguro de seu profundo sentido de cultura e de patriotismo, pois a memória se preserva nos textos que se perpetuam através das diversas formas de edição” (Silva, 2005). **Resultados:** A transcrição dos poemas de Manoel Ambrósio reafirma a importância da literatura regional e apresenta a riqueza temática de sua obra. O caderno intitulado *Harpas* carrega uma mistura de elementos temáticos que transitam entre as dedicatórias póstumas, os poemas para datas comemorativas, a riqueza da natureza ribeirinha, o cotidiano e os falares dos barranqueiros, dentre outros. O caderno *Ave-Marias* traz a religiosidade, os hinos e, ainda, temáticas que giram em torno da fé e do sagrado. Os poemas ambrosianos apresentam recursos estéticos como rima, sonoridade, metáforas e uma linguagem evocativa, capturando a essência do ser humano, a incompreensão do mundo, as dualidades da vida e a religiosidade. **Discussão:** No primeiro caderno temos o poema “Harpas”, em que se lê: Meu livro é feito de harpas / De urzes, éras e farpas, / Sorrindo, crendo, esperando. / Se a dor estria, transborda, / Parte-se de vez uma corda / E vae-se uma outra afinando (Ambrósio, 19--). Jean Chevalier, no livro *Dicionário dos Símbolos* (2001), afirma que a Harpa é um objeto que liga o céu e a terra, atribuindo assim, uma marca de melodia e harmonia. Temos as urzes, as eras e as farpas, para simbolizar aspectos da vida como a simplicidade, o crescimento contínuo e as dificuldades. O poeta coloca a dor como



algo intrínseco e inevitável que ‘transborda’ e se parte, mostrando-se então que esse rompimento não é o fim, uma vez que uma corda se parte e outra ‘vae-se afinando’, demonstrando com isso, um processo de ajuste e afinação da capacidade humana de se adaptar e evoluir. Ainda no caderno Harpas, secundariamente tomamos a análise o poema “Januária”, texto este que foi posteriormente incorporado à letra do hino oficial da cidade homônima, vigente como símbolo oficial da municipalidade até o presente. No poema lemos: Dos ceos do norte / O’ patria minha / Tu és rainha / Das aguas belas / Cetros de amores / Os teus primores / Não tem rumores / Não tem procelas. (Ambrósio, 19--). Esse é um poema de exaltação à Januária, construído a partir da alusão a sua história remota e a prodigalidade de seu território, que acolheu diferentes levas de desterrados e desterradas ao longo de séculos. Nos dois primeiros versos nota-se a elevação celestial e uma reverência a cidade barranqueira. O terceiro e o quarto verso colocam a cidade ribeirinha como ‘rainha’ das ‘aguas belas’ do Rio de São Francisco, caudal popularmente conhecido como Velho Chico. A linguagem poética ambrosiana mostra a cidade como um lugar pacífico e sereno, um lugar por quem o poeta sente admiração e orgulho, sendo um topônimo abençoado e digno de reverência. No segundo caderno intitulado pelo autor como Ave-Marias, vislumbra-se o poema “Myrta”: Ha dores secretas pungentes, minh’alma! / Ha dores que a lyra não ousa afinar. / Ha dores tão grandes que o mundo não sabe. / Se sabe, não pode, não deve falar (Ambrósio, 19--). Esse poema aborda a dor e o silêncio. Indicando no primeiro verso uma dor íntima e intensa. No segundo verso, a ‘lyra’ simboliza um instrumento de harmonia cósmica. Para o eu-poético existem dores tão profundas que nem mesmo um instrumento de harmonia é capaz de amenizar.

Considerações Finais: A transcrição e análise dos poemas de Manoel Ambrósio não só resgatam a obra do poeta januarense, como também evidenciam sua capacidade de captar a essência de sua época e de valorizar a região ribeirinha. Pelo que tivemos acesso até agora é possível inferir que Ambrósio foi um poeta de todas as horas, cuja obra transcende o tempo, dialogando com o presente ao mesmo tempo em que preserva o passado. Seu compromisso com a fidelidade e a autenticidade é evidente nas alterações e substituições presentes em seus cadernos. A análise dos poemas selecionados demonstra a relevância de sua contribuição para a literatura regional e a importância de continuar explorando e preservando seu legado. Nesse sentido, este trabalho reafirma a importância de Manoel Ambrósio como uma figura central na literatura barranqueira – tanto em prosa quanto em verso –, e oferece novas perspectivas sobre o conjunto de sua obra, consolidando seu lugar na história literária do médio São Francisco e do Brasil.

Palavras-chave: Manoel Ambrósio. Poesia. Transcrições. Manuscritos.

Referências:

- AMBRÓSIO, Manoel. 1920 – 1935. **Harpas**. Manuscrito inédito.
- AMBRÓSIO, Manoel. 1920 – 1935. **Ave-Marias**. Manuscrito inédito.
- CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CANDIDO, Antonio. **O Estudo Analítico do Poema**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas. 5. ed. 2006.
- CHEVALIER, Jean. **Dicionário dos Símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. São Paulo: Cultrix. 2006.
- SILVA, José Pereira da. A edição de textos como preservação da cultura e da história de um povo. *In*: SILVA, José Pereira da. **Crítica textual e edição de textos**. Rio de Janeiro: O Autor, 2005.